

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Leila Josefowicz



12 + 13 dez 24

12 dez 24 QUINTA 20:00

13 dez 24 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Leila Josefowicz Violino

Alban Berg

Concerto para Violino, "À memória de um anjo" c. 25 min.

- I. *Andante – Allegretto*
- II. *Allegro – Adagio*

INTERVALO

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 9, em Ré maior c. 85 min.

1. *Andante comodo*
2. *Im Tempo eines gemächlichen Ländlers*
(No ritmo de um tranquilo *Ländler*)
3. *Rondo-Burleske: Allegro assai. Sehr trotzig*
(muito obstinado)
4. *Adagio: Sehr langsam und noch zurückhaltend*
(muito lento e contido)

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 20 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Alban Berg

(Viena, 1885 – Viena, 1935)

Concerto para Violino, “À memória de um anjo”

—

COMPOSIÇÃO 1935

ESTREIA Barcelona, 19 de abril de 1936

DURAÇÃO c. 25 min.

Membro da chamada “Segunda Escola de Viena”, Alban Berg destacou-se como um dos vultos mais originais e versáteis do seu tempo, tendo mesmo auferido de maior reconhecimento público do que o seu mestre Arnold Schönberg ou o seu discípulo Anton Webern. No Concerto para Violino, Berg levou ao máximo expoente esta capacidade de conciliar, na mesma obra, o método de composição dodecafónico com a herança musical romântica, do que resultou uma proposta inovadora e, ao mesmo tempo, acessível à maior parte das pessoas.

A obra foi composta num breve período, entre abril e agosto de 1935, por solicitação do violinista americano Louis Krasner, o qual desejava ver refletidos no seu instrumento os frutos do mencionado método de composição com doze sons, consagrado por Schönberg a partir da década de 1920. Um acontecimento que sobreveio, já depois de Berg ter iniciado a composição, foi a morte, provocada por poliomielite, de Manon Gropius, a filha de Alma Mahler e do arquiteto alemão Walter Gropius. A especial afeição que Berg nutria pela jovem de dezoito anos de idade, cuja personalidade alternava entre o entusiasmo efusivo e a melancolia, levou-o a adicionar o subtítulo, em jeito de dedicatória. O Concerto foi objeto de estreia póstuma, a 19 de abril

de 1936, no Palau de la Música Catalana de Barcelona, com o violinista Louis Krasner e a Orquestra Pau Casals, sob a direção do maestro Hermann Scherchen. A estrutura formal do Concerto, descrita por Berg em carta que dirigiu a Schönberg, reveste-se de moldes pouco convencionais, dado que integra apenas dois andamentos, cada um deles assente em duas secções distintas. Vários estudiosos assinalaram a similaridade deste desenho formal com o da Sinfonia n.º 9, em Ré maior, de Gustav Mahler, obra que teremos também a oportunidade de escutar na segunda parte do presente concerto da Orquestra Gulbenkian. O musicólogo britânico Mosco Carner deu, aliás, como muito provável a influência desta última obra sinfónica no desenho global do Concerto para Violino de Berg. De modo esquemático, podemos constatar a seguinte sequência de andamentos e respetivas secções internas:

- I.a. *Andante*
- I.b. *Allegretto*
- II.a. *Allegro*
- II.b. *Adagio*

Na introdução do primeiro andamento, Berg expõe, no instrumento solista, a série dodecafónica que desempenha o papel de tema principal do Concerto. Em lugar de optar pela seleção aleatória de sons dentro da oitava justa, o engenho de Berg concebeu a série de doze notas encadeando terceiras menores e maiores, extraídas dos quatro tetracordes formados a partir das cordas soltas do violino, da mais grave para a mais aguda: Sol-Ré-Lá-Mi. As reminiscências familiares das tríades convivem, pois, com uma conceção melódica e harmónica

afastada das tradicionais funções tonais, rumo a um patamar sonoro ilusoriamente liberto de constrangimentos, porque sujeito ao jugo da série dodecafónica subliminar, nas suas múltiplas cambiantes. É o retrato de Manon que emana numa primeira fase, pleno de beleza e ingenuidade.

O andamento prossegue com o *Allegretto*, palco de diferentes gradações emocionais até ao aparecimento de uma citação melódica pitoresca, proveniente da região austríaca da Caríntia, facto assinalado originariamente pelo compositor e analista Ernst Krenek. Uma breve coda encerra o andamento.

O segundo andamento, *Allegro*, traz consigo rasgos dramáticos violentos, fazendo antever a agonia e a morte.

As volutas tortuosas do instrumento solista combinam-se com as sonoridades rasgadas dos naipes, adensando uma atmosfera que culmina numa espécie de prolongada cadência. É o prenúncio para uma marcha fatídica, inexorável, a percorrer toda a orquestra, fundada na repetição obsessiva do mesmo motivo rítmico, também partilhado pelo solista. No despertar do *Adagio* final, pontua nova citação de material musical preexistente, designadamente da melodia de coral *Es ist genung*, provinda da Cantata de J. S. Bach intitulada *O Ewigkeit, du Donnerwort* («Ó eternidade, palavra retumbante»), BWV 60. A exposição do coral, composto por Johann Rudolph Ahle (1625-1673) e mais tarde harmonizado por J. S. Bach, é deixada aos clarinetes, enquanto que o violino e a restante orquestra entoam breves contracantos, como que a desfazer equívocos quanto à vocação modernista da partitura. Sucedem-se duas grandes secções de variação sobre o coral, a primeira, *Misterioso*, com intervenções

contrapontísticas do violino; a segunda, *Adagio*, baseada na inversão da melodia de coral, culminando numa secção imitativa entoada pelos metais e pelas cordas. Berg volta a fazer escutar fragmentos da melodia tradicional caríntia nos violinos, em *pianissimo*. Por fim, a coda apropria-se das quatro últimas notas da melodia de coral, repetidas por três vezes pelo violino solo, pelos trompetes e pelas trompas. Nos derradeiros compassos regressam à textura os ecos do harpejo ascendente da série inicial, transmutado, *in extremis*, num acorde perfeito de Si bemol maior, com a sexta (Sol) acrescentada pelo violino no registo sobreagudo.

Gustav Mahler

(Kaliste, 1860 – Viena, 1911)

Sinfonia n.º 9, em Ré maior

—

COMPOSIÇÃO 1909

ESTREIA Viena, 26 de junho de 1912

DURAÇÃO c. 85 min.

Corolário da produção sinfónica de Gustav Mahler, a Sinfonia n.º 9, em Ré Maior, foi concluída no verão de 1909, quando o músico repousava na localidade tiroleza de Toblach. A estreia póstuma sobreveio em Viena, a 26 de junho de 1912, sob a direção do maestro Bruno Walter, discípulo e amigo do compositor. No curso do processo criativo, foram diversas as vezes em que Mahler hesitou, chegando mesmo a interromper o seu trabalho. Pesava sobre si o estigma fatalista das nonas sinfonias, muito inculcado pelo imaginário romântico e confirmado, além de tudo, pelos exemplos lídimos de Ludwig van Beethoven, Franz Schubert, Anton Bruckner e Antonín Dvořák, cujas “nonas” haviam assinalado o termo das respetivas viagens criativas. Para contornar o problema, Mahler decidiu não atribuir numeração à obra que veio a suceder a sua Sinfonia n.º 8 (1906), optando antes por intitulá-la *A Canção da Terra*, não obstante se tratar, de facto, de uma verdadeira sinfonia para tenor e contralto (ou barítono) e orquestra. Deste modo, a Sinfonia n.º 9, afirmar-se-ia, em bom rigor, como a décima sinfonia, o que fez com que se desvanecessem todas as superstições, chegando o seu autor a concluir que o perigo maior já teria passado.

Do ponto de vista formal, a Sinfonia n.º 9 é um caso único na história do género,

contando com dois andamentos centrais rápidos, de carácter sarcástico, os quais são enquadrados por extensos *Adagios*, com grande densidade emocional. O signo da despedida preside a qualquer um dos andamentos, ainda que, em cada um deles, assumam um enunciado distintivo. A evocação expressiva e nostálgica do amor e da amizade, enquanto fulcros da experiência humana, assoma à superfície do primeiro andamento, *Andante comodo*. No segundo andamento, *Im Tempo eines gemächlichen Ländlers*, Mahler recria uma dança típica de camponeses, através da qual parece gravitar entre o adeus aos prazeres simples do campo e a predestinação trágica sugerida pela célebre *Totentanz* da tradição germânica. Por sua vez, o terceiro andamento, *Burleske*, remete o ouvinte para o bulício da vida citadina e para os meandros complexos dos círculos sociais vienenses, dominados pelos códigos subtis de comportamento, aos quais o compositor lança, enfim, um derradeiro olhar, porventura irónico, perante a solidão e o despojamento absolutos. A despedida da própria vida, que Mahler considerava ser a dádiva mais preciosa, porque divina e irrepetível, coroa o impressionante andamento final, *Adagio*, no qual Bruno Walter viu emergir “a conjugação única entre a tristeza do adeus e a visão da luz celestial”.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia. Na temporada 2023/24, foi anunciada uma futura parceria artística com a Sinfónica de Lahti, com início no outono de 2025. A temporada 2024/25 inclui a estreia no Festival de Bergen, bem como regressos à Sinfónica de Chicago, à Sinfónica da BBC, à Sinfónica da Rádio Finlandesa, à Filarmónica de Londres, à Sinfónica de St. Louis e à Sinfónica do Oregon. Nos últimos anos dirigiu, entre outras orquestras, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Sinfónica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfónica de Montreal, e solistas como Gil Shaham, Kirill Gerstein, Daniil Trifonov ou Sergei Babayan. Dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Leila Josefowicz

Leila Josefowicz nasceu em Mississauga, Ontário, no Canadá. Estudou no Curtis Institute of Music de Filadélfia com Jaime Laredo, Jascha Brodsky, Felix Galimir e Joseph Gingold. O seu interesse pela música contemporânea reflete-se nos seus programas e no entusiasmo com a interpretação de novas obras, tendo estreado vários concertos para violino, nomeadamente de Colin Matthews, Luca Francesconi, John Adams e Esa-Pekka Salonen. A temporada 2024/25 inclui interpretações de *Duende – The Dark Notes*, de Francesconi, com a Filarmónica de Nova Iorque e Susanna Mälkki, e a estreia britânica do Concerto para Violino de Helen Grime, com a Sinfónica da BBC e Sakari Oramo, no Festival de Aldeburgh. Outros compromissos incluem a Orquestra do Minnesota, a Sinfónica de Londres e as Sinfónicas de Houston, San Diego, Singapura, Birmingham e Praga. Recentemente, estreou *Assonanza* de Matthias Pintscher, com a Sinfónica de Cincinnati, *Scheherazade.2* de John Adams, com Filarmónica de Nova Iorque, e *Beautiful Passing* de Steven Mackey, com a Filarmónica da BBC. Desde 1985, apresenta-se regularmente em recitais com o pianista John Novacek. Na presente temporada, regressaram ao Wigmore Hall de Londres para interpretar, em estreia mundial, *Mriya* de Charlotte Bray. Colabora também com o pianista Alexei Tartakovsky, e com o violoncelista Paul Watkins, com o qual apresentará uma nova obra para violino e violoncelo de Sean Shepherd. Leila Josefowicz recebeu nomeações para os prémios *Grammy* pelas gravações de *Scheherazade.2*, com a Sinfónica de St. Louis e o maestro David Robertson, e o Concerto para Violino de Esa-Pekka Salonen, com a Sinfónica da Rádio Finlandesa dirigida pelo compositor. Em reconhecimento do seu notável desempenho e excelência musical, recebeu o Prémio Avery Fisher 2018.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Erik Heide CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 1º SOLISTA
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Rui Cristão
Luciana Cruz*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwal 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Maria Inês Monteiro
Micaela Miranda
Raquel Noemi
Márcia Marques
Sara Farinha
Bárbara Ferreira

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Emeraude Bellier 1º SOLISTA
Martin Henneken 1º SOLISTA
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Gonçalo Lélis
João Valpaços
Hugo Paiva
Maria Leonor Moniz

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Marine Triolet 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Miguel Menezes
Diogo Pereira
Vitor Silva*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Natália Monteiro 2º SOLISTA*
Sílvia Santos 2º SOLISTA*
Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO
Samuel Marques 2º SOLISTA*
David Dias da Silva 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE
Hugo Silva 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA
Rodrigo Carreira 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
David Lopes 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

TUBA

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA
Elmano Pereira 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Tomás Rosa 2º SOLISTA*
Cristiano Rios 2º SOLISTA*
Herrera Cota da Silva 2º SOLISTA*

HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA*
Rebeca Csalog 2º SOLISTA*

SAXOFONE

José Massarrão 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

